

A ESTRATÉGIA DE DISSUAÇÃO DA RÚSSIA EM NAGORNO-KARABAKH: IMPLICAÇÕES PARA A INVASÃO DA UCRÂNIA

Miguel Paradela López¹

Introdução:

No século XXI, a Rússia entrou em um período de intensa expansão geopolítica, deixando para trás a crise econômica produzida pela desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os períodos subsequentes de política externa errática. Isso levou não apenas ao reforço da presença da Rússia em países como Síria, Líbia e Mali, mas também ao seu envolvimento em conflitos militares abertos na Geórgia e Ucrânia (Larson e Shevchenko, 2019: 187). Esses esforços foram direcionados à disseminação da influência da Rússia sobre territórios com uma história compartilhada na URSS, que muitos russos consideram a zona de influência legítima do país.

De acordo com essa visão, a Rússia historicamente desempenhou um papel fundamental como mediadora no conflito de Nagorno-Karabakh. Situado na intersecção de três grandes potências (Rússia, Turquia e Irã), o Cáucaso do Sul está sujeito a uma infinidade de influências políticas, culturais e religiosas, impactando criticamente sua composição política e étnica (Yamskov, 1991). Nagorno-Karabakh, por exemplo, é majoritariamente povoado por armênios étnicos, o que o torna um fator contínuo na instabilidade da região. Embora os conflitos sobre sua soberania tenham sido frequentes, a tensão aumentou dramaticamente em 1988, quando a região — legalmente parte da República Socialista Soviética do Azerbaijão — tentou se incorporar à República Socialista Soviética da Armênia. Em 1992, após o colapso da URSS, o Azerbaijão e a Armênia entraram em guerra pelo controle do território, produzindo milhares de vítimas e centenas de milhares de pessoas deslocadas em ambos os lados (Dehdashti, 2000). Nesse conflito, o apoio da Rússia à

¹ Universidad Pontificia Comillas, Madrid, Espanha. E-mail: mparadela@comillas.edu.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1849-5526>

Armênia — direcionado para minar o governo azeri do presidente Abulfaz Elçibay e espalhar sua própria influência — foi vital para sua vitória em 1994, que implicou controle não apenas sobre Nagorno-Karabakh, mas também sobre vários territórios vizinhos, habitados principalmente por não armênios (Krüger, 2010). Embora a comunidade internacional tenha continuado a considerar este território azeri por décadas, a Armênia foi capaz de manter o controle semiformal sobre Nagorno-Karabakh por meio da denominação legal da República de Artsakh e sua resistência aos repetidos esforços militares azeris para recuperar a região.

No entanto, o conflito de Nagorno-Karabakh de 2020 mudou completamente o cenário geopolítico. Em seis semanas, o Azerbaijão lançou uma operação militar que derrotou decisivamente Artsakh e as forças armênias, permitindo-lhe assumir o controle de uma extensa parte de Nagorno-Karabakh (Rubin, 2020). Este conflito não apenas implicou uma vitória estratégica para o Azerbaijão, mas também enfraqueceu severamente a capacidade futura da Armênia de manter o controle de Nagorno-Karabakh. Este artigo analisa as principais razões para a Rússia interromper sua proteção da Armênia e permitir condições de cessar-fogo extremamente desfavoráveis, argumentando que a decisão da Rússia foi parte de uma estratégia em larga escala projetada para aumentar sua capacidade de dissuasão na região, impedir novos avanços das forças azeris e estabilizar as fronteiras atuais. No entanto, apesar do sucesso moderado inicial, essa estratégia entrou em colapso devido à invasão da Ucrânia pela Rússia, minando severamente sua posição geopolítica no Cáucaso do Sul e precipitando um conflito regional extremamente volátil.

O artigo é organizado em três seções. A segunda seção analisa como a Rússia entendeu o conflito de Nagorno-Karabakh de 2020 e as principais razões pelas quais não interveio para apoiar seu aliado histórico, examinando a estratégia de estabilização do conflito por meio do envio de tropas russas de manutenção da paz. A terceira seção descreve como o fracasso russo em obter uma vitória rápida na Ucrânia deteriorou severamente sua capacidade de dissuasão e aumentou sua dependência de países com agendas antagônicas em relação a Nagorno-Karabakh. O artigo conclui resumindo as principais descobertas do estudo, enfatizando as consequências indesejadas da estratégia da Rússia em Nagorno-Karabakh e seu impacto na Armênia e na região.

Teoria da Dissuasão

Vários autores estudaram a eficácia da dissuasão nas relações

internacionais (Wolf 1991; Huth 1998; Rhodes 2000; Haffa 2018). A dissuasão foi definida como “a ameaça de força destinada a convencer um potencial agressor a não empreender uma ação específica porque os custos serão inaceitáveis ou a probabilidade de sucesso extremamente baixa” (Gerson 2009: 32). De forma complementar, Paul resume as três premissas da dissuasão: capacidade suficiente, uma ameaça crível e uma comunicação eficaz da ameaça (2009: 2). Nesse sentido, quando um país pode comunicar uma ameaça crível a outro país se agir de uma maneira específica, esse estado tenderá a se comportar racionalmente e se conter de agir de maneiras indesejadas para evitar os custos (Haffa, 2018).

Embora tenha sido historicamente vinculado à dissuasão nuclear como parte do conflito entre os EUA e a URSS (Lieber e Press, 2017; Wirtz, 2018; Osinga e Sweijis, 2021), particularmente sob a política de “Retaliação Massiva” de Eisenhower, sua eficácia para prevenir conflitos começou a ser questionada quando a URSS obteve poder nuclear substancial². Nesse sentido, outros autores analisaram como diferentes países – com e sem armamento nuclear – frequentemente empregam a dissuasão convencional para dissuadir as pretensões de outros países (Knopf, 2010). Embora o poder militar desempenhe um papel fundamental na dissuasão convencional, essa estratégia não se baseia apenas em termos militares: no cálculo de benefícios, riscos e custos, também fatores políticos e econômicos podem desempenhar um papel determinante. Por exemplo, se um Estado provavelmente enfrentará sanções econômicas intensas ou um isolamento político completo devido a uma ação militar, ele pode optar por restringir seu ataque.

Segundo Mearsheimer, que se concentrou na esfera militar, a dissuasão não é determinada pelo tipo de armas ou pelo equilíbrio de forças, mas pela estratégia militar que determina como as forças armadas de uma nação são empregadas para atingir objetivos militares específicos (1983: 18). Mais concretamente, os Estados podem desenvolver três estratégias principais: atrito, visando aniquilar o inimigo; Blitzkrieg, com base em ataques massivos rápidos; ou estratégias limitadas, direcionadas para obter ganhos territoriais parciais. Como resultado, uma estratégia de dissuasão bem-sucedida deve necessariamente levar em consideração os interesses do potencial agressor e estabelecer um contexto que aumente os custos prováveis da agressão até o ponto de preveni-la.

No entanto, a dissuasão convencional difere da dissuasão nuclear em sua contestabilidade. Embora ameaças de dissuasão baseadas em armas nucleares não possam ser contestadas, devido à magnitude do risco, a dissuasão

2 Knopf (2010) descreve este processo como as quatro ondas da Teoria da Dissuasão.

convencional pode não ser vista como uma ameaça crível e, portanto, os Estados podem decidir ignorá-la. Nas palavras de Wirtz: “A contestabilidade de ameaças convencionais pode levantar dúvidas nas mentes daqueles que são alvos da dissuasão convencional sobre a capacidade do lado que emite ameaças dissuasivas de realmente ter sucesso” (2018: 58). Rhodes resume as razões pelas quais uma estratégia de dissuasão pode falhar em três categorias: o agressor considera o custo como aceitável; acredita em sua capacidade de evitar a estratégia de dissuasão ou se comporta irracionalmente — porque não percebe a dissuasão ou porque não pondera a ameaça corretamente (Rhodes, 2000: 222).

Portanto, embora a dissuasão convencional possa ter sucesso na prevenção de ações indesejadas de terceiros países, ela requer comunicações muito persuasivas destinadas a convencer outros estados de: a) a capacidade e determinação do estado de intervir ativamente; e b) as consequências de agir inadequadamente.

Estratégia Russa para Nagorno-Karabakh em 2020

Nagorno-Karabakh era anteriormente parte da URSS, assim como os miniestados da Transnístria, Ossétia e Abkházia. Como tal, a Rússia considera a região pertencente à sua zona de influência, levando ao envolvimento crescente no enclave nas últimas décadas (Larson e Shevchenko, 2019: 201). Concretamente, a Rússia se tornou o aliado e protetor mais próximo da Armênia (Sadri, 2003) nos primeiros anos após a desintegração da URSS, levando à inclusão da Armênia na Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), que garantiu proteção à Armênia contra qualquer agressão militar.

Durante a primeira Guerra de Nagorno-Karabakh, a Rússia co-presidiu o Grupo de Minsk da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) — criado para promover uma solução estável para o conflito — e sediou a reunião de 1994 que eventualmente levou ao cessar-fogo entre a Armênia e o Azerbaijão. A partir desse momento, a Rússia atuou como aliada de ambos os países e árbitra do conflito, mitigando novas escaladas em 2010 e 2016. No entanto, segundo Dalay (2021), a Rússia se beneficiou da instabilidade na região e não teve como objetivo exercer pressão sobre os países para encontrar uma solução permanente.

Diferente de conflitos anteriores, o conflito de 2020 alcançou avanços territoriais relevantes para o Azerbaijão, minando severamente as forças militares armênias e comprometendo a capacidade da Armênia de manter o

controle de Nagorno-Karabakh (Rubin, 2020). Durante esse conflito, a Rússia adotou um papel extremamente passivo: evitou se posicionar com a Armênia e entrar em qualquer forma de confronto com o Azerbaijão. Por exemplo, a Rússia ignorou ações militares azeris, como abater um helicóptero russo e bombardear as defesas antiaéreas da Armênia (BBC, 2020; Galeotti, 2020).

Após esse ataque contra sua infraestrutura antiaérea, a Armênia pediu a mobilização militar dos membros da CSTO, insistindo que sua filiação à organização exige que qualquer ataque em seu território receba uma resposta militar dos outros membros, incluindo a Rússia. Nesse sentido, embora a proteção da CSTO não inclua o território de Nagorno-Karabakh — porque a comunidade internacional rejeita a soberania da Armênia sobre Nagorno-Karabakh e as áreas vizinhas (Dalay, 2021: 19) — qualquer ataque militar ao território não contestado da Armênia deveria ter ativado o mecanismo de proteção coletiva. Enquanto isso, o Grupo de Minsk da OSCE, que inclui os EUA e a França ao lado da Rússia, também evitou se envolver no conflito, mantendo um perfil neutro ao pedir um cessar-fogo.

No final das contas, a Rússia não forneceu assistência convincente à Armênia, seja militar ou diplomática, e permitiu o desequilíbrio do conflito em benefício do Azerbaijão e seus aliados. Finalmente, o cessar-fogo de 2020 fez com que a Armênia perdesse todo o seu território controlado anteriormente em Nagorno-Karabakh (Agdam, Kalbacar e Lachin), que incluía cinco cidades, quatro vilas e centenas de aldeias. Essa reconfiguração da fronteira significou que apenas um único corredor (Corredor Lachin) conectava a Armênia a Nagorno-Karabakh via território azeri sob a vigilância das forças de manutenção da paz da Rússia, permitindo que qualquer bloqueio do corredor pelas forças azeris isolasse Nagorno-Karabakh, uma região que é totalmente dependente da Armênia, comprometendo severamente a viabilidade de qualquer conflito futuro.

Tem havido intenso debate em torno das razões pelas quais a Rússia permitiu esse desequilíbrio (por exemplo, Yavuz e Gunter, 2023). De acordo com Minzarari (2021), um fator foi a animosidade entre o governo russo e o governo armênio sob Nikol Pashinian, que chegou ao poder em 2018 com uma campanha crítica à influência dos oligarcas russos na Armênia. Minzarari também sugere que o atraso da Rússia foi devido a um esforço para melhorar as relações com o Azerbaijão, um importante aliado geopolítico, devido à sua crescente demanda por armamentos e seus campos de gás. Em outro lugar, Modebadze (2022) argumenta que a Rússia quer que o conflito persista no enfraquecimento de ambos os países e evite a consolidação de poderes autônomos na região.

Enquanto isso, diferentes autores (Chupryna, 2020; Khan, 2021;

Minzarari, 2020; Modebadze, 2021) reconheceram como a Rússia se beneficia da deterioração da Armênia, que aumentou a dependência do país da Rússia e consolidou a influência russa no Cáucaso do Sul por meio do destacamento militar de tropas de manutenção da paz, estipulado por um período de cinco anos de acordo com o acordo de cessar-fogo (Welt e Bowen, 2021). De acordo com Anggaeni:

“A Rússia pode ter quatro objetivos em mente, que são promover uma aliança mais positiva com Baku para manter as alianças estratégicas dos dois países, colocar a presença militar russa na área do conflito por meio do envio de forças de manutenção da paz, estender a influência e o controle da Rússia sobre as zonas de fronteira de Karabakh e Armênia, bem como garantir que Karabakh continuará sendo a principal alavanca da Rússia sobre a Armênia e o Azerbaijão” (Anggaeni, 2022: 350)³.

Especificamente, o acordo de cessar-fogo estabeleceu que as tropas de manutenção da paz russas incluíam “1.960 tropas armadas com armas de fogo, 90 veículos blindados e 380 veículos motorizados e unidades de equipamento especial” (Президент России, 2020). Essas tropas, parte da 15th Destacamento da Brigada de Fuzileiros Motorizados⁴, começaram a implantação logo após a entrada em vigor do cessar-fogo com o propósito de garantir o cumprimento do acordo, que também incluía a redistribuição de tropas armênicas das regiões de Agdam, Kelbajar e Lachin, o estabelecimento e proteção do Corredor de Lachin e a salvaguarda da comunicação entre o Azerbaijão e a República Autônoma de Nakhchivan. Esses esforços foram auxiliados por um centro de monitoramento criado em 2021 na região de Agdam e administrado por tropas conjuntas turcas e russas e apoiado por bases militares russas existentes no Cáucaso: a 102th Base Militar (Gyumri, Armênia), a Base Aérea de Erebuni (Yerevan, Armênia), a 7th Base Militar (Guaduta, Abkhazia) e a 4th Base Militar (Tskhinvali e Java, Ossétia do Sul).

Dessa perspectiva, a presença militar da Rússia poderia atuar como um impedimento contra novas agressões militares do Azerbaijão em direção à Armênia e como um protetor da comunicação entre Nagorno-Karabakh e a Armênia. Além disso, esses desenvolvimentos significaram que a Rússia poderia rapidamente interpor seu poder militar para resolver qualquer conflito e evitar qualquer escalada que pudesse eventualmente exigir mais envolvimento militar e potencialmente minar as relações diplomáticas da Rússia com o Azerbaijão e a Turquia. Enquanto isso, as perdas territoriais

³ Nota do tradutor: tradução nossa.

⁴ Nota do tradutor: tradução nossa. No original, em inglês: 15th Separate Motor Rifle Brigade.

da Armênia enfraqueceram severamente sua posição militar e a tornaram ainda mais dependente da Rússia devido à sua necessidade desesperada de proteção russa do Corredor de Lachin para permanecer conectada a Nagorno-Karabakh. De acordo com Yildiz (2021: 2): “A Rússia consolidou sua posição como potência externa dominante sobre a Armênia, com a guerra de Nagorno-Karabakh deixando Pashinyan internamente enfraquecido”.

Assim, havia três resultados potenciais associados a permitir que o conflito continuasse até um cessar-fogo desequilibrado beneficiando o Azerbaijão, aparentemente em desacordo com os interesses russos: primeiro, uma maior presença militar russa no Cáucaso do Sul; segundo, a dissuasão de uma futura escalada militar entre a Armênia e o Azerbaijão por meio de forças de interposição; terceiro, manter boas relações com o Azerbaijão enfraquecendo o governo de Nikol Pashinyan e pressionando a Armênia por uma eventual mudança política.

A invasão russa na ucrânia e os efeitos da dissuasão estratégia em Nagorno-Karabakh

Como a seção anterior explicou, a Rússia esgotou severamente a força de sua aliada histórica Armênia para melhorar sua posição geopolítica no Cáucaso do Sul. Em teoria, essa mudança regional deveria ter tornado a Rússia capaz de estabilizar o conflito usando tropas terrestres e impedindo qualquer escalada militar do conflito.

Naverdade, desde o cessar-fogo em novembro de 2020, vários confrontos militares ocorreram, principalmente devido à falta de esclarecimento sobre as novas fronteiras. Por exemplo, em 11 de dezembro de 2020, um conflito sobre o status de duas aldeias (Hin Taghe e Khitsaberd) na fronteira sudeste entre Nagorno-Karabakh e os territórios conquistados pelo Azerbaijão levou a Armênia e o Azerbaijão a reivindicar violações graves, com pelo menos quatro vítimas relatadas pelo Azerbaijão (Eurasianet, 2020; VOA, 2020). Em 16 de novembro de 2021, o conflito começou ao longo da seção oriental da fronteira, causando múltiplas baixas em ambos os lados, com a Armênia relatando 15 mortes e 12 prisioneiros (nenhum relatório público feito pelo Azerbaijão), e resultando na Armênia perdendo 41 quilômetros quadrados e solicitando assistência militar russa por meio do CSTO (Eurasianet, 2021; OC Media, 2021; Ministério da Defesa da República da Armênia, 2021). Em ambos os casos, a pressão diplomática da Rússia — incluindo a comunicação direta entre o presidente russo e seus homólogos na Armênia e no Azerbaijão — em conjunto com a implantação militar de tropas de manutenção da paz dissuadiu

um aumento nas hostilidades e rapidamente intermediou cessar-fogo.

Assim, o poder militar da Rússia, associado à sua presença no terreno na região e sua pressão diplomática como uma grande potência, provou ser bem-sucedido em dissuadir a escalada dos frequentes confrontos entre Armênia, Azerbaijão e Nagorno-Karabakh. Isso significava que, durante os dois primeiros anos após o acordo, a Rússia era moderadamente capaz de desempenhar o papel de árbitro, consolidando sua presença militar na região e se legitimando como um fator regional estabilizador. No entanto, essa situação se deterioraria dramaticamente após 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia lançou sua invasão militar à Ucrânia. Embora a Rússia tivesse planejado uma rápida operação de entrada e saída projetada para consolidar a independência de Donetsk e Lugansk e derrubar o governo ucraniano, ela se envolveu em um conflito exaustivo com consequências inesperadas nas esferas nacional e internacional. De acordo com alguns comentaristas (por exemplo, Barany, 2023; Gioe et al., 2023; Gould, 2022; Kuzio, 2022), a Rússia cometeu três erros principais quando decidiu lançar a operação militar: subestimar o exército da Ucrânia, superestimar sua própria capacidade militar e calcular mal a resposta da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Internamente, a Rússia enfrentou crescente oposição doméstica à guerra, especialmente à medida que o conflito se intensificou, exigindo a implementação da conscrição (Fischer, 2022). Esse fenômeno foi agravado devido ao aumento de baixas e ao impacto econômico das sanções internacionais implementadas contra a Rússia. Internacionalmente, a guerra ucraniana isolou severamente a Rússia, com vários países se opondo à guerra e até mesmo se aproximando da OTAN para obter proteção militar. Esse isolamento aumentou quando a Rússia sofreu várias derrotas e teve que recuar de territórios que havia conquistado anteriormente, apesar de suas inúmeras afirmações sobre a evolução favorável do conflito. De acordo com Dzhuraev, isso deteriorou não apenas o poder militar da Rússia, mas também a imagem de Vladimir Putin: “Putin não é mais o grande líder invencível que todos querem conhecer (...). Ele perdeu sua aura” (New York Times, 2022). Essa imagem de líder forte foi particularmente questionada depois que o líder do Grupo Militar Privado Wagner, Yevgeny Prigozhin, entrou em confrontos públicos com os líderes militares russos e eventualmente marchou com suas forças em direção a Moscou. Embora a negociação tenha evitado uma escalada violenta do conflito e os líderes do Grupo Wagner tenham morrido recentemente em um choque de avião, esse conflito foi percebido como uma prova da diminuição do poder de Putin na Rússia (Parens, 2023; Strain e Goda, 2023).

Além disso, as sanções internacionais — que incluíam embargos,

bloqueios econômicos, o estabelecimento de preços máximos e limitações ao uso do sistema bancário SWIFT — impactaram consideravelmente a economia russa e exigiram a busca por parceiros comerciais alternativos fora da União Europeia (UE) e dos EUA. Essa tendência também aumentou a dependência da Rússia de países como Turquia ou China, que se tornaram parceiros econômicos essenciais e foram essenciais para mitigar os problemas associados às sanções econômicas (Prokopenko, 2022).

Também é relevante que o desenvolvimento inesperado do conflito exigiu que a Rússia redistribuísse equipamentos militares e tropas essenciais do Oriente Médio, com relatos sugerindo que cerca de 2.000 soldados foram enviados do Tajiquistão e entre 1.200 e 1.600 foram obtidos da Síria (New York Times, 2022; Radio Free Europe, 2022). Além disso, o Azerbaijão alegou que a Rússia removeu temporariamente suas forças de manutenção da paz da fronteira entre a Armênia e o Azerbaijão (JAM News, 2022a). Embora essa informação tenha sido negada pela Rússia, e sua veracidade permaneça contestada, ela evidencia as maneiras pelas quais o conflito ucraniano comprometeu severamente a capacidade da Rússia de responder rapidamente aos conflitos em andamento na Armênia, Síria e Líbia (Qaisrani et al., 2023).

Além disso, a estagnação do conflito com a Ucrânia também beneficiou a Turquia, um país cuja agenda geopolítica de longa data frequentemente exige que ela aborde os interesses russos e os interesses dos EUA/UE, uma agenda que inclui o enfraquecimento da Armênia e o fortalecimento do Azerbaijão. Nas palavras de Malsin: “A guerra na Ucrânia criou uma oportunidade para a Turquia avançar sua crescente indústria de defesa enquanto promove seus objetivos de política externa após perseguir uma série de guerras por procuração com a Rússia na Síria, Líbia e na região do Cáucaso do Sul” (The Wall Street Journal, 2022).

Em relação ao conflito Rússia-Ucrânia, durante o ano após a invasão, a Turquia conduziu um ato de equilíbrio diplomático, desenvolvendo boas relações com ambos os blocos e, assim, melhorando com sucesso sua posição geopolítica e econômica. Por um lado, a Turquia se recusou a implementar sanções apoiadas pela OTAN contra a Rússia, dobrando seu comércio (Cook, 2022). Em particular, o acordo para bombear mais gás pela Turquia, devido ao desejo da Rússia de reduzir sua dependência dos gasodutos Nord Stream Baltic, representou um benefício substancial para a Turquia, tanto econômica quanto geopoliticamente (Reuters, 2022a). Além disso, ações recentes na Síria, um aliado próximo da Rússia, também podem ser consideradas um gesto diplomático a favor da Rússia (Meinardus, 2023). No entanto, por outro lado, a Turquia rejeitou explicitamente a anexação russa de territórios ucranianos como uma violação do direito internacional, forneceu à Ucrânia

equipamento militar (incluindo veículos resistentes a minas, mísseis guiados de precisão e drones *Bayraktar TB2s*) e apelou a uma resolução imediata do conflito (Defense News, 2022; Reuters, 2022b). Além disso, a Turquia desempenhou um papel fundamental na negociação da Iniciativa de Grãos do Mar Negro, uma intervenção essencial para garantir o retorno da Rússia ao acordo após sua retirada em outubro de 2022. De fato, de acordo com Prokopenko (2022), a velocidade do retorno da Rússia — apenas dois dias após a retirada — evidenciou a crescente influência da Turquia sobre a Rússia, uma influência que é crítica para entender a relutância da Rússia em se envolver novamente no conflito de Nagorno-Karabakh, com qualquer ação contra o Azerbaijão provavelmente deteriorando as relações diplomáticas com a Turquia. Além disso, intervir no conflito exigiria a mobilização de tropas que atualmente não estão disponíveis e implicam a possibilidade de um eventual conflito aberto no Cáucaso do Sul, exigindo que a Rússia administre duas crises extremamente problemáticas simultaneamente.

Essa mudança geopolítica — um aliado cada vez mais forte com o potencial de evitar qualquer participação em uma crise grave — pode ser útil para entender a crescente pressão do Azerbaijão sobre a Armênia e Nagorno-Karabakh durante 2022 e 2023. Durante esse período, os conflitos em torno das fronteiras se tornaram mais frequentes, incluindo a ocupação das Colinas de Karaglukh em 24 de março de 2022 e uma escalada total em setembro do mesmo ano que causou mais de duzentas vítimas (Asbarez, 2022; Swiss Info, 2022). Uma questão particularmente controversa dizia respeito ao desenvolvimento de infraestrutura conectando o Azerbaijão e a República Autônoma de Nakhchivan, com o acordo de cessar-fogo determinando apenas que a Armênia deveria garantir a livre circulação de cidadãos, veículos e bens, atrasando para um futuro acordo a construção de uma nova infraestrutura de transporte (Президент России, 2020). Como resultado, o governo do Azerbaijão solicitou a criação de um novo corredor (Corredor Zangezur) através do território armênio, o que permitiria ao Azerbaijão cumprir um de seus principais objetivos geopolíticos: o estabelecimento de uma rota direta para a Turquia. A Armênia rejeitou essa iniciativa, entendendo que nenhuma negociação desse tipo poderia coexistir com ataques militares azeris nas fronteiras armênias (Armen Press, 2021). O governo azeri respondeu a essa decisão direcionando um discurso ainda mais agressivo em direção à Armênia. Nas palavras do presidente Ilham Alyev:

“No ano passado, mostramos três vezes que ninguém pode resistir a nós. Conseguimos tudo o que queremos, e os patronos de Yerevan não podem ajudá-los. Isto é o primeiro. Segundo, as alturas na fronteira Azerbaijão-Armênia nos fornecem uma grande vantagem estratégica. Elas tornam

possível detectar qualquer perigo potencial e detê-lo a tempo. Espero que a Armênia, que sofreu derrota militar e política três vezes em um curto espaço de tempo, já entenda que um tratado de paz é inevitável. Quanto mais cedo eles entenderem isso e encontrarem forças para concordar, melhor será para nossa região” (JAM News, 2023)⁵.

Isso se intensificou em 3 de dezembro de 2022, quando os “ecomanifestantes” azeris bloquearam o corredor de Lachin em resposta aos supostos danos ambientais causados pelas minas de Karabakh, cortando Nagorno-Karabakh da Armênia. Embora isso tenha sido resolvido rapidamente pelas tropas de manutenção da paz, outras ações isolaram de fato Nagorno-Karabakh desde 12 de dezembro de 2022. Essa estratégia, que incluiu cortes intermitentes nos gasodutos que atravessam o Azerbaijão, levou a região a sofrer severa escassez de alimentos e medicamentos, produzindo o que alguns especialistas denunciaram como uma emergência humanitária. Notavelmente, as tropas de manutenção da paz que supostamente garantem viagens seguras pelo corredor não apenas falharam em impedir que os manifestantes azeris bloqueassem a estrada, mas também dissolveram os armênios que impediram os inspetores azeris de visitar as minas de Karabakh (Krivoshchev, 2022). Nas palavras de Michael Zolyan, analista político: “Parece que as forças de paz russas não controlam o território. Ou eles concordaram com tudo isso antecipadamente ou não têm a capacidade de responder duramente ao Azerbaijão.” (Financial Times, 2023). Finalmente, o Azerbaijão também desenvolveu uma campanha de deslegitimação contra a Rússia, que incluía acusações de conspirar com a Armênia para prejudicar os interesses do Azerbaijão, acusações que se intensificaram depois que Ruben Vardanyan, um milionário russo-armênio, foi nomeado Ministro de Estado de Artsakh, um movimento percebido como um esforço russo para intervir no conflito (Asbarez, 2023). Essa estratégia foi geralmente eficaz, enfraquecendo os militares armênios, aumentando a animosidade entre a Armênia e seus aliados e exercendo pressão crescente sobre a Rússia e suas tropas de manutenção da paz, eventualmente tornando-as impotentes para controlar o conflito. “Desafiando a presença russa, os azerbaijanos estão testando se Moscou ainda é capaz e determinada a impor sua vontade a outros vizinhos menores em meio às suas lutas na Ucrânia.” (New York Times, 2023).

Em resposta a essa pressão crescente, a Armênia tinha poucas opções. O Azerbaijão provou sua superioridade militar em 2020 ao demonstrar sua capacidade de isolar completamente Nagorno-Karabakh devido à reconfiguração da fronteira estabelecida pelo acordo de cessar-fogo. Além

⁵ Nota do tradutor: tradução nossa.

disso, qualquer ação militar pode desencadear uma intervenção turca porque a Turquia quer consolidar a influência azeri em Nagorno-Karabakh e enfraquecer a Armênia. Finalmente, uma resposta militar armênia não é uma opção devido às dificuldades que está enfrentando para obter suprimentos militares porque a Rússia — que, até 2020, fornecia 94% das armas armênias — precisa desses armamentos para o conflito ucraniano (JAM News, 2022b). Essa situação levou às tentativas malsucedidas da Armênia discutidas anteriormente de obter proteção da Rússia, o que a viu pedir não apenas a mobilização das forças de manutenção da paz russas, mas também a ativação do mecanismo de proteção da CSTO em resposta aos ataques azeris na fronteira armênia. Não recebendo uma resposta satisfatória às suas demandas, o governo armênio expressou repetidamente sua crescente decepção com a Rússia e a CSTO. Nas palavras do primeiro-ministro Pashinyan:

“A agressão contra o território soberano da Armênia de maio de 2021 a 13 de setembro de 2022 foi duplamente dolorosa porque nossos aliados de segurança nos abandonaram, preferindo permanecer no status de observador passivo ou oferecendo o status de observador ativo como alternativa” (Azatutyun, 2023)⁶.

Este discurso às vezes assumiu a forma de crítica às tropas de manutenção da paz da Rússia, com a Armênia até mesmo questionando a adequação de manter essas forças, o que gerou animosidade do Azerbaijão, mas não conseguiu impedir violações azeris do acordo de cessar-fogo (Armenian Weekly, 2023). Enquanto isso, após o veto da Armênia a uma resolução da CSTO que não considerou condenar adequadamente os ataques azeris, o governo de Pashinyan se recusou a sediar exercícios militares da CSTO, deixando ainda mais aparente sua decepção com a organização. Apesar desta situação, a Rússia e a CSTO continuam sendo a melhor chance da Armênia de dissuadir a agressão azeri direta, especialmente considerando o envolvimento potencial da Turquia no conflito e a posição geopolítica e militar substancialmente enfraquecida da Armênia após o cessar-fogo.

Em relação a outros possíveis aliados, Pashinyan explorou uma abordagem aos EUA e à União Europeia, mas a Armênia não obteve apoio substancial deles. De fato, durante a operação militar de setembro iniciada pelo Azerbaijão, os EUA e a UE limitaram seu envolvimento a rejeições formais do uso da força, mas evitaram implementar sanções econômicas ou políticas. Isso foi explicado por diferentes razões, incluindo o reconhecimento internacional de Nagorno-Karabakh como território azeri, o baixo interesse estratégico

⁶ Nota do tradutor: tradução nossa.

da Armênia e Nagorno-Karabakh ou o papel crescente do Azerbaijão como fornecedor de gás para a Europa (Avedissian, 2023; Ibadoghlu, 2023).

Ironicamente, embora essa abordagem aos EUA e à UE não tenha implicado nenhum benefício direto para a Armênia, ela deteriorou as relações diplomáticas entre a Armênia e a Rússia. O vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia e ex-presidente e primeiro-ministro da Rússia, Dimitri Medvedev, se refere a Pashinian nos seguintes termos (Mediamax, 2023):

“Então ele perdeu a guerra, mas estranhamente ele permaneceu no lugar. Então ele decidiu culpar a Rússia por sua derrota. Então ele desistiu de parte do território de seu país. Então ele decidiu flertar com a OTAN, e sua esposa se dirigiu demonstrativamente aos nossos inimigos com biscoitos. Adivinhe qual destino o aguarda” (Mediamax, 2023)⁷.

Finalmente, outro possível aliado poderia ser a República Islâmica do Irã, já que este país visa deter a influência crescente da Turquia na região. Além disso, este conflito criou preocupações no Irã devido ao envolvimento de Israel no Azerbaijão — principalmente em inteligência e fornecimento de armas —, já que este país visa equilibrar a crescente influência do Irã na região (Seifi e Hasavand, 2023). Como resposta ao fortalecimento do eixo Azerbaijão-Turquia-Israel, o Irã se aproximou da Rússia como forma de manter influência no Cáucaso do Norte. Em relação à Armênia, o Irã tem sido um parceiro comercial histórico e fornecedor de energia e armas (Priego, 2007). No entanto, quando o conflito de 2020 causou a perda de território anteriormente controlado por Nagorno-Karabakh, o Irã perdeu a comunicação direta com esta região e não conseguiu evitar o bloqueio estabelecido pelo Azerbaijão em 2022.

Este contexto geopolítico explica por que em 19 de setembro, quando o exército azeri iniciou uma operação militar para retomar o controle de Nagorno-Karabakh, a Armênia decidiu adotar uma posição neutra. Diante de um exército mais forte — tanto em números quanto em tecnologia —, com uma potencial ameaça estrangeira (Turquia) e com aliados relutantes, a Armênia não podia se dar ao luxo de outro confronto direto com o Azerbaijão. Como resultado disso, as forças de Nagorno-Karabakh enfrentaram um conflito extremamente desequilibrado e foram forçadas a aceitar uma rendição incondicional que implicava na perda de fato da autonomia e sua incorporação ao Azerbaijão (Reuters, 2023).

Em última análise, essa discussão revela uma tendência ao

⁷ Nota do tradutor: tradução nossa.

enfraquecimento da capacidade de dissuasão geopolítica da Rússia, especialmente no Oriente Médio, e ao aumento da dependência da Turquia, um país com interesses antagônicos em relação ao conflito de Nagorno-Karabakh. Isso implica que a estratégia de dissuasão da Rússia gerou um efeito oposto ao pretendido: como a estratégia da Rússia para conter o conflito e impedir uma nova escalada exigia uma intervenção ativa e permanente na região, sua ausência permitiu que um Azerbaijão apoiado pela Turquia aumentasse a pressão sobre Nagorno-Karabakh e a Armênia. Além disso, em 2020, a Rússia permitiu um enfraquecimento da Armênia para aumentar sua presença na região, colocando o país em uma situação extremamente precária, especialmente no que diz respeito à sua conexão com Nagorno-Karabakh. Neste contexto, a invasão da Ucrânia transformou a estratégia de dissuasão da Rússia no mecanismo que permitiu a realização das ambições turco-azeris na Armênia e em Nagorno-Karabakh.

Conclusões

A principal intenção deste artigo foi analisar a estratégia da Rússia em relação ao conflito em Nagorno-Karabakh. Em 2020, a Rússia estava em um período de expansão geopolítica e sacrificou a posição geopolítica da Armênia para ampliar sua presença no Cáucaso do Sul. Apesar de enfraquecer a capacidade militar da Armênia para defender Nagorno-Karabakh, essa estratégia permitiu à Rússia implantar uma campanha de dissuasão sustentada por uma presença militar nas fronteiras entre Armênia, Nagorno-Karabakh e Azerbaijão. Entre 2020 e 2021, a influência geopolítica da Rússia e a interposição de suas forças militares impediram qualquer escalada do conflito, consolidando as fronteiras estabelecidas pelo acordo de cessar-fogo. Isso significava que, desde que a Rússia fosse capaz de interpor suas tropas terrestres e aplicar sua influência para restringir as ambições turcas e azeris, a fraqueza da Armênia era compensada, geralmente limitando o conflito.

No entanto, o fracasso da Rússia na Ucrânia implicou no colapso total dessa estratégia. A inesperada resistência ucraniana levou a severas perdas militares para a Rússia e exigiu a mobilização de tropas russas do Oriente Médio, diminuindo sua capacidade de responder às violações do cessar-fogo associadas ao conflito de Nagorno-Karabakh. Além disso, a imagem deteriorada da Rússia como uma potência militar substancial e a dependência da Turquia, um país com apoio de longa data ao Azerbaijão e interesses antagônicos em relação a Nagorno-Karabakh, sinalizaram a perda de recursos cruciais para dissuadir o Azerbaijão. Como a Rússia não podia se dar ao luxo de confrontar a Turquia ou mobilizar seu poder militar — atualmente necessário na Ucrânia

— para dissuadir a crescente pressão azeri sobre Nagorno-Karabakh, um Nagorno-Karabakh enfraquecido foi abandonado em uma posição precária: virtualmente isolado da Armênia e sem apoio militar russo ou proteção da CSTO. No entanto, a obtenção dessa reivindicação histórica em setembro de 2023 não significa necessariamente o fim das hostilidades, pois o Azerbaijão está ciente do atual contexto favorável e tem outras reivindicações relativas à Armênia (por exemplo, o estabelecimento de um corredor para unir ambas as partes do Azerbaijão) que poderia tentar obter. Na verdade, o Azerbaijão pode ser encorajado pela Turquia a aumentar a pressão sobre o Corredor de Zangezur, pois isso implicaria uma conexão direta entre o Azerbaijão e a Turquia, um passo necessário nas relações econômicas entre a Turquia, o Azerbaijão e o Cazaquistão (Eldem 2022: 5).

Conforme explicado anteriormente, a dissuasão depende de uma capacidade suficiente, uma ameaça crível e uma boa comunicação. Em relação à capacidade de dissuasão, a Rússia se colocou em uma posição militar muito precária quando decidiu se envolver na guerra ucraniana, diminuindo severamente seus recursos militares e sua presença armada no Cáucaso. Além disso, sua estratégia de 2020 também restringiu severamente a capacidade armênia de se opor à crescente pressão azeri, pois tolerou o enfraquecimento militar da Armênia e a separação completa entre a Armênia e Nagorno-Karabakh. Além disso, o contexto da crescente influência do Azerbaijão, o enfraquecimento militar e geopolítico da Rússia, uma animosidade explícita entre a Rússia e a Armênia e sua crescente dependência da Turquia — um aliado próximo do Azerbaijão — tornaram menos crível qualquer possível intervenção russa em favor da Armênia.

Assim, a estratégia de dissuasão da Rússia em Nagorno-Karabakh falhou porque implicava um papel de fiador muito ativo que a Rússia não conseguiu desempenhar após a invasão da Ucrânia. Nesse sentido, enfraqueceu a posição da Armênia e indiretamente encorajou comportamentos agressivos do Azerbaijão em relação à Armênia e ao Nagorno-Karabakh: este país está ciente de que, durante um período limitado de tempo, enfrentará menos oposição sistêmica se decidir alcançar suas reivindicações territoriais históricas. Portanto, enquanto as forças militares da Rússia estiverem presas na Ucrânia e sua influência se deteriorar na região, deve-se esperar uma crescente pressão azeri sobre a Armênia — particularmente sobre o Corredor de Zangezur que separa as duas partes do Azerbaijão.

Pesquisas futuras devem considerar o impacto do enfraquecimento da posição geopolítica da Rússia em outras situações em que o país teve presença histórica, tanto dentro quanto fora do Cáucaso.

Referências

- “Armenia Abandoned By Allies, Says Pashinian”. January 3, 2023. Azatutyun. Retrieved from: <https://www.azatutyun.am/a/32204447.html>
- “Armenian and Azerbaijani forces clash in first post-ceasefire fighting”. December 14, 2020. Eurasianet. Retrieved from: <https://eurasianet.org/armenian-and-azerbaijani-forces-clash-in-first-post-ceasefire-fighting>
- “Artsakh Rejects Aliyev’s Demand to Oust Ruben Vardanyan”. February 20, 2023. Asbarez. Retrieved from: <https://asbarez.com/artsakh-rejects-aliyevs-demand-to-oust-ruben-var-danyan/>
- “Azerbaijan halts Karabakh offensive after ceasefire deal with Armenian separatists”. September 20, 2023. Reuters. <https://www.reuters.com/world/us-calls-azerbaijan-halt-karabakh-attack-russia-urges-return-ceasefire-2023-09-20/>
- “Azerbaijani Forces Still Occupying Artsakh’s Karaglukh Heights”. March 29, 2022. Asbarez. Retrieved from: <https://asbarez.com/azerbaijani-forces-still-occupying-artsakhs-karaglukh-heights/>
- “Azerbaijan admits shooting down Russian helicopter in Armenia”. November 9, 2020. BBC. Retrieved from: <https://www.bbc.com/news/world-europe-54874162>
- “Azerbaijan Says 4 Soldiers Killed Amid Cease-Fire Violations in Nagorno-Karabakh”. December 13, 2020. VOA. Retrieved from: https://www.voanews.com/a/south-central-asia_azerbaijan-says-4-soldiers-killed-amid-cease-fire-violations-nagorno-karabakh/6199525.html
- “Baku claims Russian peacekeepers relocated from Karabakh to Ukraine, Moscow denies reports”. March 30, 2022a. JAM News. Retrieved from: <https://jam-news.net/baku-claims-russian-peacekeepers-relocated-from-karabakh-to-ukraine-moscow-denies-reports/>
- “Dmitry Medvedev: ‘Guess what fate awaits him’”. September 19, 2023. Media Max. Retrieved from: <https://mediamax.am/en/news/foreignpolicy/52549/>
- “Heavy fighting breaks out between Armenia and Azerbaijan”. November 16, 2021. Eurasianet. Retrieved from: <https://eurasianet.org/heavy-fighting-breaks-out-between-armenia-and-azerbaijan>
- “Más de 210 muertos en los enfrentamientos entre Armenia y Azerbaiyán”. September 16, 2022. Swiss Info. Retrieved from: <https://www.swissinfo.ch/spa/afp/m%C3%A1s-de-210-muertos-en-los->

- enfrentamientos-entre-armenia-y-azerbaiy%C3%AAn/47906330
- “Oligarch defends role in disputed enclave as Russia struggles to retain influence” January 17, 2023. Financial Times. Retrieved from: <https://www.ft.com/content/6db56197-49ff-4a78-a656-06193dfcefa3>
- “Our ally isn’t fulfilling its obligations to supply weapons” - Primer Minister of Armenia. September 29, 2022b. JAM News. Retrieved from: <https://jam-news.net/our-ally-isnt-fulfilling-its-obligations-to-supply-weapons-prime-minister-of-armenia/>
- “Pashinyan says Russian military presence threatens Armenia’s security”. January 11, 2023. The Armenian Weekly. Retrieved from: <https://armenianweekly.com/2023/01/11/pashinyan-says-russian-military-presence-threatens-armenias-security/>
- “Pashinyan again denies rumors on so-called Zangezur Corridor”. May 17, 2021. Armen Press. Retrieved from: <https://armenpress.am/eng/news/1052512.html>
- “Russia Shrinks Forces in Syria, a Factor in Israeli Strategy There”. October, 19, 2022. New York Times. <https://www.nytimes.com/2022/10/19/world/middleeast/russia-syria-israel-ukraine.html>
- “Putin courts Erdogan with plan to pump more Russian gas via Turkey”. October 13, 2022a. Reuters. Retrieved from: <https://www.reuters.com/world/europe/putin-puts-gas-hub-plan-turkeys-erdogan-2022-10-13/>
- “Turkey sends 50 mine-resistant vehicles to Ukraine, with more expected”. August 22, 2022. Defense News. Retrieved from: <https://www.defensenews.com/land/2022/08/22/turkey-sends-50-mine-resistant-vehicles-to-ukraine-with-more-expected/>
- “Turkey rejects Russia’s annexation of Ukrainian territory”. October 1, 2022b. Reuters. Retrieved from: <https://www.reuters.com/world/middle-east/turkey-rejects-russias-annexation-ukrainian-territory-2022-10-01/>
- “Ukraine War Gives Turkey’s Erdogan Opportunity to Extend His Influence”. Nov. 5, 2022. The Wall Street Journal. Retrieved from: <https://www.wsj.com/articles/ukraine-war-gives-turkeys-erdogan-opportunity-to-extend-his-influence-11667640601>
- “‘Up To 1,500’ Russian Troops Redeployed To Ukraine From Tajik Base, Investigation Reveals”. September 14, 2022. Radio Free Europe. Retrieved from: <https://www.rferl.org/a/russia-troops-tajik-base-redeployed-ukraine/32033791.html>

- “Worst fighting since end of Second Nagorno-Karabakh War”. November 16, 2021. OC Media. Retrieved from: <https://oc-media.org/worst-fighting-since-end-of-second-nagorno-karabakh-war/>
- Президент России (2020). Заявление Президента Азербайджанской Республики, Премьер-министра Республики Армения и Президента Российской Федерации. Retrieved from: <http://kremlin.ru/events/president/news/64384>
- Anggraeni, Shafira K. (2022). Analyzing Russia's Interests in the 2020 Nagorno-Karabakh Ceasefire Agreement. *Jurnal Hubungan Internasional*, 15(2), 338-354: <https://doi.org/10.20473/jhi.v15i2.35864>
- Avedissian, Karen. (2023). The Failure of the European Union to Address the Threat of Ethnic Cleansing of Armenians in Nagorno-Karabakh. *Genocide Studies International*, 15 (1), 34-44.
- Barany, Zoltan. (2023). Armies and Autocrats: Why Putin's Military Failed. *Journal of Democracy*, 34(1), 80-94: <https://doi.org/10.1353/jod.2023.0005>
- Chupryna, Oleg. (2020). Geopolitical Outcomes of the Second Nagorno-Karabakh War. *Geopolitical Monitor*. Retrieved from: <https://www.geopoliticalmonitor.com/geopolitical-outcomes-of-the-second-nagorno-karabakh-war/>
- Cook, Steven. (2022). What Everyone Gets Wrong About Turkey. *Foreign Policy*. Retrieved from: <https://foreignpolicy.com/2023/01/18/turkey-us-relations-cavusoglu-blinken-meeting-russia-syria/>
- Dalay, Galip. (2021). Turkish-Russian relations in light of recent conflicts: Syria, Libya, and Nagorno-Karabakh. (SWP Research Paper, 5/2021). Berlin: Stiftung Wissenschaft und
- Dehdashti, Rexane. (2000). Internationale Organisationen als Vermittler in innerstaatlichen Konflikten: die OSZE und der Berg Karabach-Konflikt (Vol. 34). Campus Verlag.
- Fischer, Sabine. (2022) Russia on the road to dictatorship: Internal political repercussions of the attack on Ukraine. *SWP Comment*, 30, 1-6. <https://doi.org/10.18449/2022C30>
- Ministry of Defence of the Republic of Armenia. (2021). Release. Retrieved from: <https://www.mil.am/en/news/10121>
- Politik -SWP- Deutsches Institut für Internationale Politik und Sicherheit. <https://doi.org/10.18449/2021RP05>
- Galeotti, Mark. (2020). Russian Ceasefire Deal in Nagorno-Karabakh

- Marks Slow, Painful End of Empire in the South Caucasus. The Moscow Times. Retrieved from: <https://www.themoscowtimes.com/2020/11/10/russian-ceasefire-deal-marks-slow-painful-end-of-empire-in-the-south-caucasus-a72001>
- Gerson, Michael. (2009). Conventional deterrence in the second nuclear age. *The US Army War College Quarterly: Parameters*, 39 (3): 32-48.
- Gioe, David V., and Tony Manganello. (2023). A Tale of Two Clocks: A Framework for Assessing Time Pressure and Advantage in the Russo-Ukrainian War. *Armed Forces & Society*, published online. <https://doi.org/10.1177/0095327X221145>
- Gould J. (2022). Pentagon sending Excalibur guided artillery, More HIMARS to Ukraine. *Defense News*. Retrieved from: <https://www.defensenews.com/pentagon/2022/10/04/pentagon-sending-excalibur-guided-artillery-more-himars-to-ukraine/>
- Gül, Murat. (2008). Russia and Azerbaijan: relations after 1989. *Alternatives: Turkish Journal of International Relations*, 7(2), 47-66.
- Haffa, Robert. (2018). The future of conventional deterrence: Strategies for great power competition. *Strategic Studies Quarterly*, 12(4), 94-115.
- Huth, Paul K. (1998). *Extended Deterrence and the Prevention of War*. New Haven: Yale University Press.
- Ibadoghlu, Gubad. (2023). Energy Dialogue between Azerbaijan and Europe: Realities and Illusions. SSRN. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4454213>
- Jeffrey W. Knopf. (2010). The Fourth Wave in Deterrence Research, *Contemporary Security Policy*, 31(1), 1-33.
- Khan, Mumin A. (2021). The Conflict of Azerbaijan and Armenia with Special Reference to Nagorno Karabakh: An Overview. *Journal of Malay Islamic Studies*, 4(1), 27-34.
- Krivosheev, Kirill. (2022). Russian Peacekeepers Find Themselves Sidelined in Nagorno-Karabakh. *Carnegie Endowment for International Peace*. <https://carnegieendowment.org/politika/88651>
- Krüger, Heiko. (2010). *The Nagorno-Karabakh Conflict. A legal Analysis*. New York: Springer.
- Kuzio, Taras. (2022). How Western Experts Got the Ukraine War So Wrong. *Geopolitical Monitor*. Retrieved from: <https://www.geopoliticalmonitor.com/how-western-experts-got-the-ukraine-war-so-wrong/>
- Larson, Deborah W., and Shevchenko, Alexei (2019). *Quest for status: Chinese*

- and Russian foreign policy. New Haven: Yale University Press.
- Lieber, Keir and Press, Daryl (2017). The new era of counterforce: Technological change and the future of nuclear deterrence. *International Security*, 41(4), 9-49.
- Mearsheimer, John J. (1985). *Conventional deterrence*. Cornell, Cornell University Press.
- Meinardus, Ronald. (2023). Is Erdogan planning a deal with Assad?. Qantara. <https://en.qantara.de/content/turkey-syria-russia-relations-is-erdogan-planning-a-deal-with-assad>
- Minzarari, Dumitru (2020). Russia's Stake in the Nagorno-Karabakh War: Accident or Design?. German Institute for International and Security Affairs. Retrieved from: http://www.armin.am/images/menus/3141/Russia%E2%80%99s%20Stake%20in%20the%20Nagorno-Karabakh%20War_%20Accident%20or%20Design_%20-%20SWP.pdf
- Modebadze, Valeri (2021). The escalation of conflict between Armenians and Azerbaijanis and the problems of peaceful resolution of the Nagorno-Karabakh war. *Journal of liberty and international affairs*, 6(03), 102-110.
- Modebadze, Valeri. (2022). "Major Factors That Prevented The Resolution of Nagorno-Karabakh Conflict Through Peaceful Means And Diplomacy". 10th International Online Conference on Social Researches and Behavioral Sciences SADAB, October 29-31, Antalya, Turkey. Proceeding Book.
- Osinga, Frans and Sweijts, Tim. (2021). *NL ARMS Netherlands Annual Review of Military Studies 2020: Deterrence in the 21st Century—Insights from Theory and Practice*. The Hague, T.M.C. Asser Press.
- Paul, Thazha. (2009). *Complex Deterrence*. In *Complex deterrence: Strategy in the global age* (pp. 1-30). Cham: University of Chicago Press.
- Parens, Rafael. (2023). *Wagner Mutiny Ex Post Facto: What's Next in Russia and Africa?* Foreign Policy research institute. Retrieved from: <https://www.fpri.org/article/2023/07/wagner-mutiny-ex-post-facto-whats-next-in-russia-and-africa/>
- Priego, Alberto. (2007). Armenia-Iran relations and their implications for Nagorno-Karabakh. *Comentarios UNISCI* 1. Retrieved from: <https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-72542/1comentario.pdf>
- Qaisrani, Irfan. H.; Qazi, Bilal H., and Abbas, Hussain (2023). *A Geopolitical War in Europe: Russia's Invasion of Ukraine and its Implications*.

- Journal of European Studies (JES), 39(1), 1-15.
- Prokopenko, Alexandra. (2022). Russia's Return to Grain Deal Is a Sign of Turkey's Growing Influence. Carnegie Endowment for International Peace. <https://carnegieendowment.org/politika/88349>
- Rhodes, Edward. (2000). Conventional deterrence. *Comparative Strategy*, 19(3), 221-253.
- Wirtz, James. (2018). How does nuclear deterrence differ from conventional deterrence?. *Strategic Studies Quarterly*, 12(4), 58-75.
- Rubin, Uzi (2020). The second Nagorno-Karabakh War: A milestone in military affairs. *Mideast Security and Policy Studies*, 184, 1-15.
- Sadri, Houman (2003). Elements of Azerbaijan foreign policy. *Journal of Third World Studies*, 20(1), 179-192.
- Seifi, Abdolmajid, and Hasanvand, Amirrez. (2023). The expansion of relations of Republic of Azerbaijan and the regime and its impact on the national security of the Islamic Republic of Iran (with the emphasis on the 2020 Nagorno-Karabakh crisis). *Political Research of the Islamic World*, 9(4), 84-102.
- Sobhani, Rob (1998). The United States, Iran, Russia, and Turkey: The Struggle for Azerbaijan. *Demokratizatsiya*, 6(1), 35-40.
- Strain, Daniel and Goda, Nicholas. (2023). What the death of rival Prigozhin means for Putin and the war on Ukraine. *CU Boulder Today*. Retrieved from: <https://www.colorado.edu/today/2023/08/28/what-death-rival-prigozhin-means-putin-and-war-ukraine>
- Welt, Cory and Bowen, Andrew. S. (2021). Azerbaijan and Armenia: The NagornoKarabakh Conflict. Congressional Research Service. Retrieved from: <https://sgp.fas.org/crs/row/R46651.pdf>
- Wolf, Barry. (1991). *When the Weak Attack the Strong: Failures of Deterrence*. Santa Monica: Rand.
- Yamakov, Anatoly. N. (1991). Ethnic conflict in the Transcaucasus: The case of Nagorno-Karabakh. *Theory and society*, 20(5), 631-660.
- Yavuz, M. Hakan and Gunter, Michael (2023). The Second Nagorno-Karabakh War: Causes and Consequences. In *The Karabakh Conflict Between Armenia and Azerbaijan* (pp. 153-193). Cham: Palgrave Macmillan.
- Yildiz, G. (2021). Turkish-Russian adversarial collaboration in Syria, Libya, and Nagorno-Karabakh. (SWP Comment, 22/2021). Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik -SWP- Deutsches Institut für Internationale Politik und Sicherheit. <https://doi.org/10.18449/2021C22>
- Yavuz, M. Hakan, and Michael M. Gunter. 2023. *The Causes of the First*

Nagorno- Karabakh War. In: The Karabakh Conflict Between Armenia and Azerbaijan: Causes&Consequences, 33-66 Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-16262-6_3.

RESUMO

O artigo analisa a estratégia em duas partes que a Rússia desenvolveu para lidar com o conflito do Nagorno-Karabakh em 2020. Em primeiro lugar, o país ajudou a enfraquecer a posição da Armênia no Nagorno-Karabakh e a consolidar a do Azerbaijão. Em segundo lugar, o exército russo enviou tropas de manutenção da paz para a fronteira entre os dois países para estabilizar o conflito, impedir qualquer novo avanço militar azeri na região e melhorar a influência russa no Cáucaso. Embora esta estratégia tenha sido inicialmente bem sucedida, uma vez que aumentou a capacidade militar da Rússia na região, as complicações inesperadas que a Rússia experimentou durante a invasão da Ucrânia em 2022 enfraqueceram gravemente o seu papel de manutenção da paz e de poder de dissuasão. O envolvimento da Rússia num conflito altamente exigente levou a um sofrimento considerável, ao aumento da pressão internacional e a uma deterioração da percepção do seu poder militar, impedindo-a de dissuadir a expansão de um Azerbaijão apoiado pela Turquia. Consequentemente, a capacidade de dissuasão da Rússia falhou, uma vez que não foi capaz de enviar uma ameaça crível ao Azerbaijão e este país pôde atingir objetivos históricos na região. Consequentemente, a Rússia comprometeu gravemente a sua própria posição no Cáucaso, sendo de esperar uma pressão crescente sobre a Armênia.

PALAVRAS-CHAVE

Rússia. Nagorno-Karabakh. Dissuasão. Cessar-fogo 2020. Cáucaso.

Recebido em 23 de abril de 2024

Aprovado em 19 de dezembro de 2024

Traduzido por Eduardo Secchi